

## (IR)ROMPIMENTO DO HÍMEN: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS SENTIDOS DE VIRGINDADE FEMININA<sup>1</sup>

### BREAKING OF THE HYMEN: A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE MEANINGS OF FEMALE VIRGINITY

Aline Oliveira Amorim<sup>2</sup>  
Dantielli Assumpção Garcia<sup>3</sup>  
Lucília Maria Abrahão e Sousa<sup>4</sup>

#### RESUMO

Neste trabalho, da perspectiva teórica da Análise de Discurso, analisamos como circulam dizeres sobre a virgindade feminina na contemporaneidade brasileira, através de um *corpus* composto por recortes acerca da cirurgia de himenoplastia e do produto erótico “Hímen Artificial Virgindade” em diferentes materialidades, objetivando refletir acerca do modo como a virgindade é dita/significada, identificando as filiações dos discursos analisados. Os resultados alcançados permitem a leitura de que se materializam no *corpus* sentidos da virgindade da mulher como uma perda, como uma entrega endereçada ao outro, e como um atributo feminino a ser reservado a relacionamentos reconhecidos socialmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso; Mulher; Virgindade.

#### ABSTRACT

In this paper, based on the theoretical perspective of Discourse Analysis, we analyze how sayings about female virginity circulate, in different materialities, in Brazilian contemporaneity, through a *corpus* composed of clippings about the hymenoplasty surgery and the erotic product “Artificial Virginity Hymen”. We aim to reflect on how virginity is said/signified, identifying the affiliations of the analyzed discourses. The results achieved allow us to read that the meanings of women's virginity are materialized in the *corpus* as a loss, as a delivery addressed to the other, and as a feminine attribute to be reserved for socially recognized relationships.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis; Woman; Virginity.

#### INTRODUÇÃO

O que conhecemos como virgindade feminina é atravessada em sua historicidade por questões de ordem social, econômica, jurídica e sexual. A concepção do que seria essa virgindade passa por mudanças a depender do contexto: às vezes, é vista como uma condição física da mulher, outras vezes, como um estado emocional e psicológico, ou ainda, como virtude; pode também aparecer simultaneamente de todas essas formas (KNIBIEHLER, 2016). Fato é que já foi requisitado, quando não exigido, que a mulher se mantivesse virgem até o matrimônio – há locais e regimes em que essa obrigação ou preferência segue como norma.

<sup>1</sup> O presente trabalho resulta do desenvolvimento de projeto de iniciação científica. Processo nº 2020/12553-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>2</sup> Graduanda em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP). Email: aline\_amorim@usp.br.

<sup>3</sup> Doutora em Estudos Linguísticos. Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Email: dantielligarcia@gmail.com.

<sup>4</sup> Doutora em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP). Docente da Universidade de São Paulo (USP). Email: luciliamasousa@gmail.com.

Essa cobrança, tão frequente outrora, embora de conhecimento amplamente divulgado, pode parecer deveras distante do que observamos atualmente nas sociedades ocidentais, com exceção de algumas comunidades e grupos restritos. Ora, vivemos dias do triunfo da sexualidade, não? Por um lado, sabemos que a liberação sexual feminina passou por avanços, os quais se creditam a fatores como o desenvolvimento de métodos contraceptivos, de tecnologias para identificação de paternidade e também de conquistas coletivas das mulheres (GIDDENS, 1993; KNIBIEHLER, 2016). Porém, isso não é o mesmo de afirmar que a virgindade feminina tenha perdido todas as suas forças. Ainda hoje, ela é falada em conversas familiares, nas escolas, entre os círculos de amigas e amigos; é abordada em obras ficcionais tais como as novelas, os livros, os filmes, as séries de televisão ou de *streaming*. Mesmo que de outra(s) forma(s), continua-se a falar dela.

É tendo em mente essa ainda presente relevância da virgindade feminina que chegamos à problemática deste trabalho, a saber: quais são os sentidos de virgindade feminina postos em circulação hoje em nosso país? Sendo assim, nosso objetivo é pensar os sentidos dessa virgindade na contemporaneidade brasileira. Compreendendo ser essa uma questão bastante ampla, nossa atenção se detém em dois elementos que materializam esses sentidos<sup>5</sup>. São eles o Hímen Artificial “Virginity”, um produto erótico produzido pela marca *SoftLove*, e a himenoplastia, procedimento cirúrgico de reconstrução/reparação do hímen; os quais possuem como finalidade comum a recriação do hímen da mulher, cada um cumprindo tal proposta em diferentes níveis de intervenção e efetividade. No caso da himenoplastia, tratamos apenas de cirurgias realizadas com o intuito de promover a fantasia sexual - seja no sentido de “apimentar a relação” ou de “presentear” o parceiro. Assim, o *corpus* de pesquisa é composto por recortes referentes aos elementos citados, recortes esses extraídos de dois *sex shops online*, uma matéria de jornal, uma entrevista e dois *sites* médicos.

Para trabalhar com esses materiais, situamo-nos às fundamentações teóricas da Análise de Discurso (AD) de filiação francesa, fundada por Michel Pêcheux em fins da década 1960. A AD se constitui enquanto disciplina interpretativa de entremeio, desenvolvendo-se na confluência entre a Linguística, as Ciências Sociais e a Psicanálise (ORLANDI, 2020). Ao pensar a língua – não como transparência, mas como opacidade – como base comum a diferentes processos discursivos, e por meio da teoria de um sujeito descentralizado, a análise discursiva propõe um modo de leitura que irá se dedicar a investigar “como” um texto significa, e não “o que” ele significa (ORLANDI, 2020; PÊCHEUX, [1971] 2015a). Para nós, analistas de discurso, não se separa teoria e metodologia, é por isso que falamos em dispositivo teórico-metodológico da AD, o qual disponibiliza ao analista certos conceitos para a mobilização do *corpus* discursivo selecionado (ORLANDI, 2020; PETRI, 2013). No presente trabalho, mobilizamos os conceitos de sujeito discursivo, interdiscurso e intradiscurso. Os procedimentos de análise, por sua vez, filiam-se aos expostos por Orlandi (2020), em que, partindo dos recortes eleitos e compreendendo-os como textos, buscamos chegar ao objeto discursivo para, então, alcançar o processo discursivo, explicitando assim os processos de significação e os sentidos que ali se constituem.

Ao fim dessa empreitada, pretendemos formular respostas – tão possíveis quanto provisórias – às seguintes questões: de que forma se sustenta, pela via do discurso, a prerrogativa de simular uma nova perda da virgindade, um novo rompimento do hímen<sup>6</sup>? Quais as permanências e os deslocamentos, observáveis no *corpus* em questão, dos sentidos sobre a virgindade feminina, e, em extensão, sobre a “primeira vez” da mulher? Como se relacionam, nos discursos aqui em voga,

<sup>5</sup> A escolha por pensar a virgindade feminina através de um *corpus* formado por recortes que se referem ao hímen representa um caminho entre outros possíveis. Como já dissemos, a virgindade de uma mulher pode ser vista sob diferentes aspectos, sendo um deles o físico. Assim, a existência do Hímen Artificial “Virginity” e da himenoplastia remeteu as autoras a questões como a do chamado “teste de virgindade”, que visa a averiguar se o hímen se encontra “intacto”, da ideia do sangue na primeira relação conjugal como prova da virgindade da noiva, entre outras. Por isso, consideramos esse um caminho válido para a discussão proposta pela pesquisa.

<sup>6</sup> O uso das palavras “nova” e “novo” se deu, por um lado, em consonância ao uso que aparece no *corpus* discursivo analisado, e por outro lado, por aludirem a acontecimentos situados após a adoção de um método para recriar o hímen.

o estado do hímen e a virgindade feminina? Por meio dessas respostas, esperamos tecer considerações acerca do objetivo elegido por nós, o qual, lembramos, é pensar os sentidos de virgindade feminina na contemporaneidade brasileira.

## 1 A virgindade feminina: sentidos em circulação

Cabe iniciar esta seção expondo um pouco mais sobre a Análise do Discurso (AD), proposta por Pêcheux ([1975] 2014) enquanto disciplina interpretativa cujo objeto é o discurso. Aqui, compreende-se discurso como “[...] efeito de sentidos entre locutores [...] a língua é assim condição de possibilidade do discurso” (ORLANDI, 2020, p. 20). A AD, proposta por Michel Pêcheux enquanto disciplina interpretativa, trabalha com a noção de não transparência da linguagem, e com a concepção de que o processo discursivo equivale ao “[...] funcionamento da base linguística em relação a representações postas em jogo nas relações sociais” (PÊCHEUX, 2015a, p. 128). Dessa forma, o trabalho de análise ocorre no movimento entre descrição e interpretação (PÊCHEUX, 2015b), buscando compreender o que é dito em relação a outros dizeres em circulação, em relação ao não dito, e especialmente o funcionamento do modo de dizer (ORLANDI, 2020). Dentro desse panorama, para Pêcheux (2014, p. 139, grifos do autor):

o caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente, como *ideologia* e *inconsciente* é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências “subjetivas”*, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito”.

Portanto, o caráter de evidência que a constituição do sujeito e do sentido assumem - por sua dissimulação em seu próprio funcionamento - oculta algo: “[...] que o sujeito é desde sempre ‘um indivíduo interpelado em sujeito’ [...]” (PÊCHEUX, 2014, p. 141). Tal evidência, como expõe o autor, está no fato mesmo de que há o apagamento necessário de que o sujeito é resultado de um processo. A Análise de Discurso evita, dessa forma, a noção do sujeito como origem de si e dos sentidos, uma vez que, em realidade, “[...] a ideologia ‘recruta’ sujeitos entre os indivíduos [...] ela os recruta a todos” (PÊCHEUX, 2014, p. 144).

Assim, Pêcheux (2014) sustenta que a ideologia é o que oferece as evidências que fazem com que palavras e enunciados queiram dizer o que dizem, por meio do mascaramento do caráter material do sentido das palavras e dos enunciados sob a noção de transparência da linguagem. Dessa forma, tanto “[...] o sujeito se constitui pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina” (PÊCHEUX, 2014, p. 150) - aquilo que fala antes, em outro lugar -, quanto sua interpelação em sujeito ocorre pela identificação com a formação discursiva na qual é constituído em sujeito, como também essa identificação advém de que “os elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, *os traços daquilo que o determina*, são reinscritos no discurso do próprio sujeito” (PÊCHEUX, 2014, p. 150, grifos do autor). É nesse sentido que Pêcheux (2014) formula ainda que o intradiscurso é um efeito do interdiscurso sobre si mesmo. Por conseguinte, o autor discorre acerca dos dois esquecimentos inerentes ao discurso, e, portanto, ao sujeito do discurso. Dessa forma, tem-se que:

Concordamos em chamar *esquecimento nº 2* ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase [...] Compreende-se, pois, que aquilo que continuaremos chamando o esquecimento nº 2 *cobre exatamente o funcionamento do sujeito do discurso na formação discursiva que o domina, e que é aí, precisamente, que se apoia sua ‘liberdade’ de sujeito-falante* (PÊCHEUX, 2014, p. 161-164, grifos do autor).

E ainda:

o *esquecimento nº 1*, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o *esquecimento nº 1* remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que - como vimos - esse exterior determina a formação discursiva em questão [...] Esse exterior é radicalmente ocultado para o sujeito-falante que está sob a dominância dessa formação discursiva (fato que continuaremos a chamar esquecimento nº 1) [...] (PÊCHEUX, 2014, p. 162-165, grifos do autor).

É também devido à ideologia - e ao modo pela qual a mesma esconde sua existência no interior de seu funcionamento -, que se torna possível a existência do discurso, do sujeito e de seus esquecimentos. O efeito de evidência do sentido único viabiliza o assujeitamento do sujeito e a inauguração da discursividade, o que silencia outras regiões de sentido que constituem a memória discursiva (PÊCHEUX, 2014). Para Courtine (1984), há um eixo vertical, que corresponde ao interdiscurso e diz respeito a todos os dizeres já ditos, ou seja, a ordem do dizível; e um eixo horizontal, do intradiscurso ou da formulação, que representa o que é dito em um dado momento, em dadas condições, ou seja, a atualização do dizível.

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória) [...] O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o 'anonimato', possa fazer sentido em 'minhas' palavras (ORLANDI, 2020, p. 31-32).

É tendo em mente o exposto até aqui acerca do arcabouço teórico da Análise de Discurso que pretendemos refletir sobre a produção de sentidos sobre a virgindade feminina. Importante ressaltar que, ao falar em noção de sentido, referimo-nos àquela que “[...] apresenta-se na relação determinada do sujeito com a história, imprimindo a marca da subjetivação nos contatos da língua com a exterioridade [...] assim, como ocorre com o sujeito, o sentido nunca é individual, nem tampouco apresenta-se como já produzido” (LEANDRO-FERREIRA, 2003, p. 192-193).

Em nossa formação social atual, de sexualidade triunfante, de aplicativos de relacionamentos, a virgindade poderia ter perdido significado e valor. Contudo, não é isso que se nota ao depararmos com a venda de produtos eróticos como o Hímen Artificial “Virginity” ou as cirurgias de himenoplastia. Sendo assim, é importante refletir sobre a virgindade feminina e o que os estudos atuais permitem inferir sobre sua relevância na contemporaneidade brasileira. Antes de tudo, definir o que seria a virgindade da mulher é uma tarefa complexa, como já adiantamos na introdução deste trabalho. Talvez seja mais apropriado discutir o que se entende por virgindade quando falamos do sexo feminino. Comumente, considera-se virgem a mulher que nunca teve relação sexual. No entanto, cabe questionar de que relação sexual se está falando: uma mulher que praticou sexo oral não seria mais virgem, por exemplo? O que é mais propagado socialmente é que a mulher deixa de ser virgem ao praticar, na companhia de um parceiro(a), o ato sexual que envolva a penetração. Sendo assim, a virgindade feminina é frequentemente vista através de um aspecto físico – ou seja, de um estado do corpo da mulher, corpo que não experienciou a penetração –, embora possamos falar também em outros aspectos, como o moral e o religioso. No que diz respeito ao aspecto físico, Knibiehler (2016, p. 59-61, grifo do autor) nos conta que:

Por volta do século VII antes da nossa era, o sangue surge como prova em uma passagem do Deuterônomo (capítulo XXII). Trata-se de um marido que quer repudiar sua jovem esposa porque, diz ele, no momento das núpcias ela não tinha os *betoulim*, palavra que foi traduzida por “sinais de virgindade”. O que isso quer dizer? Até então, ao que parece, confiava-se nas “provas” apresentadas pelos

pais. Como a data das núpcias era fixada após as regras da noiva, sua mãe guardava os lençóis manchados pela última menstruação para provar que a filha não estava grávida. [...] Para o bem da causa, o tipo de sangue muda: o da menstruação é substituído pelo da defloração. [...] a defloração com sangue é transformada em emblema, se não prova, da virgindade feminina.

Relaciona-se a essa ideia a prática de, após a noite de núpcias, expor um lençol manchado de sangue a fim de se confirmar a virgindade da agora esposa; costume que deixou de ser praticado nos países cristãos a partir da Idade Moderna (BEAUVOIR, 2016; KNIBIEHLER, 2016). Esse sangramento – que hoje já sabemos que nem sempre ocorre – foi muitas vezes associado ao que se viria chamar de “hímen”, nomenclatura cuja origem, segundo Knibiehler (2016), remonta ao século XV. Este foi e permanece sendo fruto de discussões e especulações; seja quanto a sua existência, função, ou sobre o quanto ele tem a ver com a virgindade (KNIBIEHLER, 2016).

Foi no século XIX, com o médico naturalista Georges Cuvier que se confirmou – para a época – a presença do hímen nas jovens, então considerado como um órgão frágil cujo rompimento poderia ocorrer por outros meios que não a penetração; assim, sua presença não seria o equivalente de virgindade (KNIBIEHLER, 2016). Todavia, “as sociedades que temem a liberdade sexual e suas consequências procurarão meios de proteger o hímen e a virgindade feminina” (KNIBIEHLER, 2016, p. 145). Atualmente, entende-se que, em condições normais, o hímen não é fechado nem recobre por completo o canal vaginal; ou seja, que o hímen é elástico - podendo esticar-se com a introdução de dedos, objetos, ou mesmo do pênis, sem que haja rompimento –, e encontra-se aberto, possibilitando a saída de fluídos e secreções (VELASQUEZ; BRINEZ; DELGADO, 2012). À parte de tais esclarecimentos teóricos, ainda existe, por parte de alguns grupos e indivíduos, a visão errônea de que o hímen “intacto” seria um indicativo confiável de virgindade na mulher, ainda que isso não passe de um mito (RAVEENTHIRAN, 2009).

Como viemos discutindo, virgindade da mulher figurou como um relevante requisito para o matrimônio durante muitos períodos; nesse sentido, podemos citar como exemplo a Idade Média e a Idade Moderna quando, com a propagação da Doutrina Cristã no Ocidente, “no contexto do casamento cristão, deflorar a esposa virgem é direito e dever do marido durante a noite de núpcias” (KNIBIEHLER, 2016, p. 112). Sendo assim, deixar de ser virgem antes do casamento transformava a mulher em uma “perdida”; por sua vez, Giddens (1993) afirma que a noção correspondente a da mulher perdida, ou seja, a do homem perdido, não existe. Já aquelas que fossem virgens eram tidas como “[...] preciosos objetos de troca entre as famílias [...] A virgindade da noiva honrava aqueles que souberam protegê-la e respeitá-la” (KNIBIEHLER, 2016, p. 12). Mas o que seria da virgindade feminina hoje? Para Knibiehler (2016, p. 205), ela “[...] está dessacralizada, mas não inativa. [...] ela parece estar recuperando sentido e valor, e não apenas para as pessoas que conservam uma sensibilidade religiosa”. No que tange ao contexto ocidental, sabemos que o acesso a métodos contraceptivos desvinculou o ato sexual da reprodução, e as conquistas dos movimentos feministas vêm garantindo às mulheres maior domínio sobre seus corpos e sexualidade (GIDDENS, 1993; KNIBIEHLER, 2016). Além disso, uma das importantes funções por traz do resguardo da virgindade da mulher para o casamento apontada por Knibiehler (2016) – a saber, garantir a autenticidade dos filhos em relação à filiação paterna – hoje se encontra enfraquecida diante das novas tecnologias de identificação de paternidade.

Nada disso significa, no entanto, homogeneidade de pensamentos e práticas no que diz respeito à sexualidade na contemporaneidade, mesmo se considerarmos somente as sociedades ocidentais. Se por um lado a liberação dos costumes e as conquistas relacionadas aos direitos sexuais proporcionam à mulher novas formas de se relacionar amorosamente e sexualmente, por outro lado também fazem surgir novas problemáticas igualmente dignas de reflexão. Ou ainda, surgem novas formas de se pensar problemáticas de longa data, como é o caso da virgindade feminina. É nesse contexto que se situa a presente pesquisa. Sendo assim, vejamos a seguir o que estudos brasileiros recentes apontam sobre a virgindade da mulher.

Em pesquisa etnográfica realizada em escola pública municipal da cidade do Rio de Janeiro, Altmann (2007) investiga o tema da primeira relação sexual a partir de entrevistas realizadas com estudantes e professores, dentre homens e mulheres. Um dos entendimentos encontrado é que “[...] ter diversos parceiros sexuais é algo condenado para as mulheres, enquanto o mesmo não ocorre em relação aos homens. [...] ter relações sexuais com várias pessoas não serve como mesmo critério de classificação masculino e feminino” (ALTMANN, 2007, p. 336). Já quanto à virgindade em si, Altmann (2007) constatou durante as entrevistas que as garotas demonstram receio de que a “perda” da virgindade venha a público por meio de amigas ou parceiro, podendo assim causar danos à reputação delas. A primeira relação sexual recebe muita atenção entre as estudantes entrevistadas: idealizam a relação em si, mas também o potencial parceiro com quem esse fato aconteceria e o tipo de relacionamento mantido entre ambos - preferencialmente um namoro duradouro -; ademais, temem arrependem-se da escolha tomada (ALTMANN, 2007). No contexto observado por Altmann (2007), o mesmo padrão não parece ser verificado em garotos, de tal forma que “percebe-se que a virgindade e o valor dado à primeira relação sexual são marcas de distinção de gênero na nossa cultura [...]” (ALTMANN, 2007, p. 346).

Já em pesquisa promovida por Brêtas *et al.* (2011) com participação de estudantes adolescentes do ensino fundamental e médio de Embu, em São Paulo, a virgindade foi considerada importante por 91% das respondentes do sexo feminino, contra 66% do sexo masculino; mas nesse último caso “[...] supõe-se que estejam se referindo à virgindade das meninas com quem eles se relacionam e não a sua própria virgindade” (BRÊTAS *et al.*, 2011, p. 3225). Nota-se ainda que a maioria dos garotos entrevistados havia tido sua primeira relação com amigas(os), enquanto a maioria das garotas declarava ter vivido a primeira experiência com namorados(as). Quanto a esses resultados, os autores comentam que “o dado obtido nos remete à dinâmica das relações de gênero, que impõe às moças o recato em relação ao sexo, o que resulta no elevado valor atribuído à virgindade para elas [...]” (BRÊTAS *et al.*, 2011, p. 3225). Concepção semelhante também foi constatada em alguns momentos no estudo de Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 79-80):

[...] nos grupos focais, liberam-se sentimentos, emoções e palavras, deixando-se emergir por meio do inconsciente coletivo em direção a admitir mudanças, mas também a defender permanências, no caso, a valorização da virgindade. O discurso que valoriza a mulher pela virgindade está presente no vocabulário de jovens de ambos os sexos, e as alunas também reproduzem lógicas hierárquicas e assimétricas [...] São muitos os depoimentos com a mesma orientação pró-virgindade, difundindo tal valor e como as jovens deveriam se guardar. Há também discursos culpabilizantes, que fazem associações fatalistas entre a não-virgindade e o desrespeito nas relações de gênero.

Portanto, nossa reflexão encontra-se pautada na compreensão de que a primeira relação sexual da mulher já não é estritamente vinculada ao matrimônio, e de que a mulher dispõe de maior liberdade sexual em grande parte dos círculos sociais no presente contexto ocidental. Contudo, ainda assim, a virgindade feminina (ou sua ausência), bem como fatores tais quais o contexto da primeira relação, parecem continuar a suscitar, pela via do discurso, relevantes dizeres e efeitos de sentido que merecem ser analisados. Diante do que foi exposto, cabe, então, dar início à análise.

## 2 Uma virgindade reconstituída: dos artificios às cirurgias?

Nesta seção, objetivamos tecer um gesto analítico em relação a nosso material de análise. Sendo assim, cabe especificar os recortes a serem analisados. Acerca do produto erótico, Hímen Artificial “Virginity”, foram selecionados dois recortes: a descrição oficial do produto, obtida por meio do *site* da marca SoftLove, responsável por sua fabricação; e um anúncio do produto retirado de um *sex shop online* que realiza sua revenda. A escolha, no primeiro caso, fundamenta-se na importância, na visão das autoras, de dar atenção ao pronunciamento oficial acerca do hímen

artificial, contando assim com maior fidelidade quanto a sua proposta e indicações de uso; já no segundo caso, o olhar para um anúncio do produto em um *sex shop* visa a contemplar o caminho que uma possível consumidora poderia percorrer ao se interessar em adquirir o hímen “Virginitiy”.

Quanto à himenoplastia, elegemos seis recortes. O primeiro diz respeito ao trecho de uma matéria, veiculada pelo portal “BOL” a respeito de uma figura pública, em que é falada sobre a cirurgia de reconstrução do hímen. Três outros recortes são fragmentos de uma entrevista concedida à revista “Quem”, em que essa mesma figura pública comenta sobre as cirurgias de himenoplastia que já havia realizado até então. Os últimos dois recortes, extraídos de diferentes *sites* médicos, são publicações que objetivam apresentar o citado procedimento cirúrgico ao público. No caso da matéria e da reportagem, optamos por integrá-las ao *corpus* por reconhecer nelas um relevante potencial de circulação, uma vez que são veiculadas em dois grandes meios de comunicação, podendo assim alcançar diversos públicos. Já quanto aos trechos obtidos em *sites* médicos, a escolha se deu diante do entendimento da credibilidade que estes representam ao usuário que procura descobrir mais informações sobre a himenoplastia através de pesquisas *on-line*, seja por curiosidade ou pelo desejo de realizá-la. Isto posto, damos início à análise, começando pelo Hímen Artificial “Virginitiy”, cuja descrição oficial veiculada no *site* da marca pode ser observada na Figura 1. Já a Figura 2 diz respeito ao anúncio, do mesmo produto, em um *sex shop on-line*.

Figura 1 - Hímen Artificial Virginitiy<sup>7</sup>

## Virginitiy



Quer dar a possibilidade de proporcionar a nova primeira vez com o(a) seu(sua) amado(a)? Virginitiy foi criado com este propósito. É um pequeno hímen artificial biodegradável que com a própria lubrificação feminina adere à vagina, criando uma fina membrana que no momento da penetração se rompe e idealiza um sangramento artificial. Disponível na versão sachê!

Para: Elas | Tipo: Sachê | Finalidade: Fetiche | Lubrificante: Não

A Figura 1, conforme dito anteriormente, foi retirada do *site* oficial da marca que fabrica o hímen artificial “Virginitiy”. Nela, as informações dispostas acerca do produto se dividem em alguns momentos. Cabe discorrer sobre alguns deles, a começar pelo público consumidor, demarcadamente o feminino, o que pode ser apreendido pela passagem “para: elas”, bem como pela embalagem do produto, dominada por tons de cor rosa, que apresenta a imagem recortada de um corpo feminino, em que a região íntima da vulva é coberta pela mão da modelo, e o nome do produto, “Virginitiy”. O *site* também declara que o produto não possui características lubrificantes,

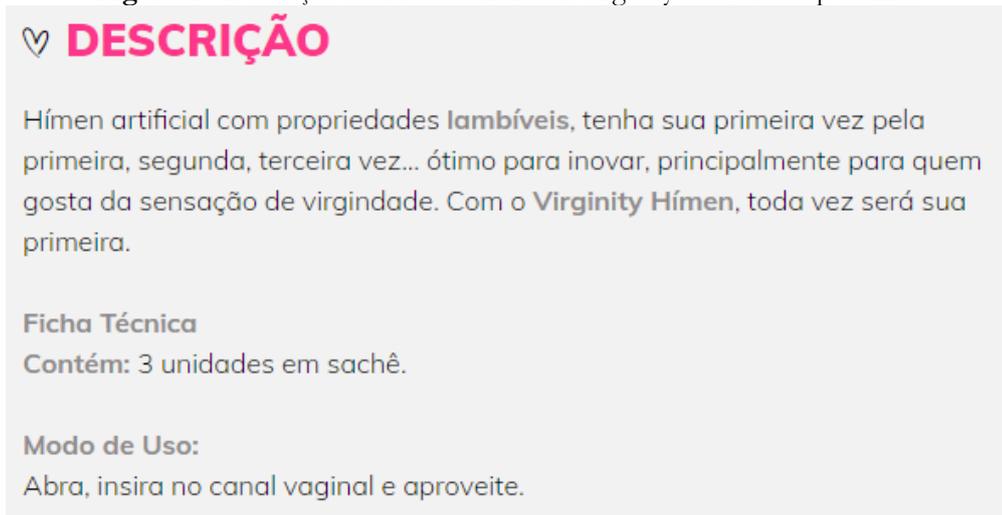
<sup>7</sup> Fonte: <https://www.softlove.com.br/produtos/92/virginitiy>. Acesso em: 03 mar. 2021.

dessa forma, seu uso não poderia estar associado a promover maior conforto e prazer para a mulher na relação sexual – ao menos no que diz respeito aos benefícios da lubrificação no momento da penetração.

Quanto à descrição, nela se anuncia a “possibilidade de proporcionar a nova primeira vez com o(a) seu(sua) amado(a)”, o que seria o propósito do produto, ainda segundo o recorte. Como nos orienta Orlandi (2020), o analista de discurso deve desnaturalizar a sobreposição entre palavra-coisa proveniente do esquecimento número 2, o qual leva o sujeito a desconsiderar que o discurso por ele produzido poderia ser outro que não aquele. É pensando nesse contraponto entre o que se disse, o que não se disse e o que poderia se dizer, que chamamos aqui atenção ao uso da palavra “amado(a)”, ao invés de outras possíveis, como “parceiro(a)”, “ficante”. Embora o uso de “amado(a)” não denote explicitamente um relacionamento sério e estável, no jogo dos sentidos delimita a experiência a um outro com o qual se possui algum vínculo sentimental/amoroso suficiente para que seja considerado “seu(sua) amado(a)”. Dessa forma, é possível sustentar a leitura de que está contido aqui um afastamento do uso do hímen artificial e a prática do sexo casual – por exemplo, com um desconhecido, ou, simplesmente com um parceiro sexual que não configure a categoria de “amado(a)”. Dito isso, pensemos agora a questão do alegado propósito do produto, ainda “proporcionar a nova primeira vez com o(a) seu(sua) amado(a)”. Aqui, denuncia-se que, apesar de o público que de fato utiliza o produto serem as mulheres, não é para elas que ele se direciona: sua finalidade é a chance de entregar a um outro essa nova primeira vez.

Também chama a atenção como, na Figura 1, naturaliza-se uma relação de equiparação entre o uso do hímen artificial e a virgindade – o próprio nome do produto é “Virginity”, do inglês, “Virgindade”. Tudo se passa como se a presença, no corpo da mulher, de uma “fina membrana que no momento da penetração se rompe” coincidissem com ser virgem. Sendo assim, no recorte, o que podemos ler dessa paráfrase é que ter um hímen intacto – mesmo que um hímen artificial comprado e inserido no canal vaginal – é dito como o mesmo que ser virgem. Ainda que isso não equivalha à realidade, no discurso analisado aparece como evidência. Além disso, sobre o funcionamento do hímen artificial é dito que, com a penetração, a membrana rompe e “idealiza um sangramento artificial”. O trecho nos parece um tropeço que, enquanto tal, significa, pois ao mesmo tempo em que a palavra “idealiza”, por meio da rede de implícitos e do trabalho do interdiscurso, indica um lugar de imaginação, de fantasia, em que se constrói o ideal, retirando o que nele não cabe; ainda assim, a presença da marca do “artificial” cria um atrito, em que aquilo que se busca ocultar - a fim de viabilizar o sangramento ideal/idealizado -, materializa-se no discurso, não se deixando apagar.

Por fim, a finalidade do produto é descrita ainda como “fetiche”. Embora seja de nosso conhecimento que “[...] *as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam [...]*” (PÊCHEUX, 2014, p. 146-147, grifo do autor), parece significativo retomar o conceito de fetiche apresentado pelo dicionário Michaelis, de grande circulação no Brasil, compreendendo o dicionário enquanto instrumento que “[...] estabelece uma relação entre a língua, o sujeito e a história na constituição do discurso lexicográfico” (GARCIA, 2017, p. 70). Assim, o substantivo masculino “fetiche” é descrito como: “1 OCULT Objeto ao qual se atribui poder mágico ou sobrenatural e a que se presta culto [...] 2 MED, PSICOL Qualquer objeto, geralmente peças do vestuário, ou parte do corpo que se acredita apresentar qualidades mágicas ou eróticas” (FETICHE, c2021). Dessa forma, a classificação do produto com a finalidade de fetiche aponta a possibilidade de considerar o hímen como essa parte do corpo com qualidades mágicas ou eróticas, de acordo com os sentidos em jogo no recorte analisado. Dito isso, seguimos à análise da Figura 2.

**Figura 2** - Descrição do Hímen Artificial Virginity em Sex Shop Online<sup>8</sup>

**♥ DESCRIÇÃO**

Hímen artificial com propriedades **lambíveis**, tenha sua primeira vez pela primeira, segunda, terceira vez... ótimo para inovar, principalmente para quem gosta da sensação de virgindade. Com o **Virginity Hímen**, toda vez será sua primeira.

**Ficha Técnica**  
**Contém:** 3 unidades em sachê.

**Modo de Uso:**  
Abra, insira no canal vaginal e aproveite.

A Figura 2 diz respeito ao mesmo produto tratado até o momento. Aqui, no entanto, a descrição é fornecida por um *sex shop on-line* que revende o hímen “Virginity”. Sendo assim, ele é anunciado com a oferta de que a mulher possa viver “sua primeira vez pela primeira, segunda, terceira vez...”, o que atua simultaneamente ratificando a relevância da primeira relação sexual, a ponto de poder ser um desejo revivê-la repetidamente, e diminuindo seu caráter definitivo, no sentido de só poder ser vivida uma vez; o que se fortalece com o trecho “com o Virginity Hímen, toda vez será sua primeira”. Essa contraditoriedade, porém, não nos contradiz, em termos de teoria: o discurso marca em si tanto a possibilidade de permanência quanto a de deslocamento (ORLANDI, 2020). Se por um lado, o interdiscurso – enquanto constituição – faz comparecer sentidos já-ditos da virgindade como aquilo que não volta, tendo a mulher somente uma chance para sua “primeira vez”; por outro, a formulação (re)significa a virgindade feminina, atestando a possibilidade de retornar a ela e viver a “primeira vez” quantas vezes se desejar, por meio do hímen artificial anunciado. Resta dizer que isso se dá sem anular aquilo que é da ordem do dizível, ou seja, os já-ditos mencionados anteriormente.

Ao contrário da Figura 1, a Figura 2 não direciona diretamente o uso do produto a um outro; o foco, nesse caso, parece apontar para a mulher que virá a comprá-lo. O modo de uso indica que a embalagem seja aberta, a membrana inserida no canal vaginal e que, por fim, a mulher “aproveite”. Além disso, o chamado constante a um possível desejo, por parte da mulher, de (re)experienciar a primeira vez, corrobora essa leitura. Assim sendo, é possível sustentar a leitura de que, ainda que haja – e também porque o há – um retorno aos sentidos cristalizados sobre a virgindade feminina, este não se dá sem deslizos, afinal “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2020, p. 31). Ademais, o recorte diz ainda que o produto poderia ser adequado para “quem gosta da sensação de virgindade”. Fica opaco, porém, se esse gosto seria da mulher – que usaria o hímen artificial –, do parceiro(a) – que compartilharia da experiência –, ou de ambos; opacidade que não causa espanto, uma vez que temos em vista a não transparência da linguagem (PÊCHEUX, 2014). Ainda assim, faz-se necessário questionar o que seria essa dita “sensação de virgindade”. Poderia ela estar associada, em realidade, à valorização social dada a jovens virgens, tidas como preservadas, invulgares, respeitáveis? Defendemos que sim, embora necessitaríamos de um maior espaço para tecer tal argumentação. No momento, contentamo-nos em marcar essa pergunta.

<sup>8</sup> Fonte: <https://www.miess.com.br/virginity-himen-artificial-soft-love-4943/p#>. Acesso em: 03 mar. 2021.

Nosso segundo foco no presente trabalho é a análise de materiais vinculados à prática da himenoplastia, quando voltada à realização de fantasias sexuais, ou ainda como forma de “presentear” o parceiro sexual. Nesse sentido, em matéria veiculada pelo “BOL”, retratando momentos marcantes da vida pública de Ângela Bismarchi, um dos tópicos tratados é a cirurgia de reconstrução do hímen, realizada por ela duas vezes. O trecho encontra-se transcrito na Sequência Discursiva 1 (SD 1), a seguir:

SD 1. Para presentear o maridão Wagner de Moraes, Ângela optou por uma nova cirurgia e reconstruiu o hímen um mês antes de oficializar a união a fim de se casar virgem. “É como se fosse a primeira vez. Na hora do amor dói, mas é um presente para o Wagner”, disse em entrevista ao UOL<sup>9</sup>.

A Sequência Discursiva 1 narra a escolha de uma celebridade por presentear seu então futuro marido com uma cirurgia de reconstrução do hímen. Sobre isso, ela declara que “na hora do amor dói, mas é um presente para o Wagner”. Dessa forma, tem-se a noção de que, apesar da dor na primeira relação sexual após o procedimento, é o fato de ser um presente para o companheiro que legitima sua realização. Presente, aliás, associado a um evento especial, seu casamento, para o qual ela “reconstruiu o hímen um mês antes de oficializar a união a fim de se casar virgem”. O que está sob análise aqui é o discurso e ideologia, a qual interpela o indivíduo em sujeito, sendo que essa interpelação “[...] se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina [...]” (PÉCHEUX, 2014, p. 150), o que se passa sem o conhecimento desse sujeito. As formações discursivas são regionalizações não estanques do interdiscurso, e é, no interdiscurso da FD, que se estabelece o domínio do saber próprio a ela, determinando o que pode e deve ser dito (COURTINE, 2011; ORLANDI, 2020). Dessa forma, a formação discursiva dominante aqui pode ser vista como uma FD conservadora, filiando-se à memória discursiva da virgindade feminina como presente – endereçado ao futuro marido – e da noiva que sobe ao altar virgem.

Além disso, na SD 1 – semelhante ao que ocorre na Figura 1 – podemos constatar como se discursiviza uma equivalência entre a reconstrução do hímen e ser virgem, dada como evidência. Quando falamos em evidência, estamos nos referindo à evidência dos sentidos enquanto resultado do trabalho da ideologia, por meio do qual “naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico” (ORLANDI, 2020, p. 43). Assim, é dito, na Sequência Discursiva 1, que Bismarchi “reconstruiu o hímen um mês antes de oficializar a união a fim de se casar virgem”, passagem na qual o uso da locução prepositiva “a fim de” produz efeito de finalidade: para se casar virgem, pode-se recorrer à himenoplastia – reconstrução do hímen. Ter um hímen não rompido, mesmo que através de um procedimento cirúrgico, funciona aqui como indicador da virgindade.

Já em entrevista concedida à “Quem”, Bismarchi trata de assuntos como seus desfiles de carnaval, os procedimentos estéticos e cirúrgicos realizados ao longo da vida, seus livros escritos, fantasias sexuais, e – o que é de nosso maior interesse –, sobre a himenoplastia e ainda sobre planos de produzir um hímen artificial acessível – semelhante ao hímen “Virginity”, com o qual trabalhamos anteriormente. As sequências discursivas a seguir tratam-se de trechos da entrevista.

SD 2. Quando a gente ama é maravilhoso, não importa quantas vezes se perde a virgindade. Na verdade, a minha primeira vez foi por curtição, eu não amava o cara<sup>10</sup>.

SD 3. É um fetiche legal. Tem uma menina que está vendendo [a virgindade]. Acho horrível! Faço por amor<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> Fonte: <https://www.bol.uol.com.br/listas/22-momentos-em-que-angela-bismarchi-causou-.htm>. Acesso em: 20 ago. 2021.

<sup>10</sup> Fonte: <https://revistaquem.globo.com/Carnaval-QUEM-2013/Rio-de-Janeiro/noticia/2013/02/angela-bismarchi-vou-lancar-o-himen-da-virgindade-apos-o-carnaval.html>. Acesso em: 20 ago. 2021.

<sup>11</sup> Idem.

SD 4. Tem muitas que deram a virgindade para quem não merece, aí [com o hímen artificial] dá para ficar virgem quando quiser<sup>12</sup>.

Na Sequência Discursiva 2, pode-se perceber a discursivização de uma dicotomia entre perder a virgindade por amor e perder a virgindade por “curtição”, em que o primeiro caso seria aquele tido como “maravilhoso”, independente de “quantas vezes se perde a virgindade” – ou até mesmo, caso essa perda seja de uma virgindade recriada. Além disso, em razão da primeira – de fato – relação sexual com penetração ter ocorrido com um homem pela qual não sentia amor, parece funcionar enquanto justificativa para a realização da cirurgia de reconstrução do hímen; agora, para uma primeira vez que envolveria esse sentimento. Em outras condições, poder-se-ia produzir um discurso diferente deste, como, por exemplo: “Quando a gente curte é maravilhoso, não importa quantas vezes se perde a virgindade”, “Quando a gente se sente pronta é maravilhoso, não importa quantas vezes se perde a virgindade”, ou ainda “Quando a gente é amada é maravilhoso, não importa quantas vezes se perde a virgindade”. Nenhuma dessas possibilidades são ditas no recorte analisado. Também não se fala de posse ou de um compromisso oficial entre os parceiros, fala-se de amor – mais especificamente, do amor da mulher pelo outro. Sendo assim, relacionamos o discurso a uma formação discursiva dominante que chamaremos FD romântica-amorosa, remetendo-nos, em relações desenhadas pela ideologia, ao já-dito do amor como motivo para a entrega feminina, entrega que inclui o envolvimento sexual. Sendo assim, constatamos que, na Sequência Discursiva 2, o sentido de virgindade feminina é o de uma perda que, no entanto, pode ser maravilhosa quando associada a um sentimento amoroso pelo outro, havendo a possibilidade do desejo de viver essa dita perda mais de uma vez. Uma vez “perdida” a virgindade, reconstitui-se o hímen para “perdê-la” novamente.

Já na Sequência Discursiva 3, dois pontos chamam atenção. O primeiro é a classificação, pelo sujeito do discurso, da (re)criação do hímen – e a conseqüente nova experiência de perda da virgindade – enquanto um “fetiche legal”. O segundo é a reação demonstrada ao comentar o fato de que alegadamente haveria uma menina vendendo a virgindade: “Acho horrível! Faço por amor”. Aqui surge novamente o sentimento amoroso enquanto algo que valida a “primeira vez”, seja a real ou a recriada. Caso a motivação seja outra que não o amor – a curtição, como na SD 2, ou a venda, no caso da SD 3 –, a “perda” da virgindade pode vir a adquirir o caráter de algo “horrível”. Por meio do que se apreende, o sujeito discursiviza sobre si colocando-se em uma posição distinta daquela ocupada pela mulher que estaria vendendo sua primeira vez; o amor a salva do horrível. Também aqui intervém a FD romântica-amorosa, cujas coerções definem que o que pode e deve ser dito em seu interior sobre a “perda” da virgindade feminina é que esta é bem-vista quando associada ao amor, e malvista quando associada a outras razões – como a retribuição financeira.

A Sequência Discursiva 4 traz a constatação de que haveria muitas mulheres que “deram a virgindade para quem não merece”. Ainda, estabelece-se uma relação de causa e consequência entre tal fato e a criação de um hímen artificial, por meio da expressão “aí”. O que se entende é que o produto seria um meio para que essa mulher pudesse corrigir o suposto erro, e agora, poder “dar a virgindade” para alguém que mereça. A escolha por voltar a “ficar virgem” aparece em relação a um outro – o primeiro parceiro, que alegadamente não merecia ter o sido. A leitura do recorte possibilita constatar que, na SD 4, materializa-se o sentido de virgindade feminina como de algo a ser dado a alguém, entrega esta que deveria ser equivalente ao mérito do parceiro com quem essa relação aconteceria. Ademais, a passagem “aí [com o hímen artificial] dá para ficar virgem quando quiser” suscita a discussão sobre o caráter de evidência com que é apresentada a relação de paridade entre a presença do hímen e a virgindade – assim como em outros recortes do *corpus* já trabalhados. Na SD 4, limita-se o sentido de virgindade à presença do hímen, de tal forma ponto que seria possível “ficar” virgem quando se desejar.

<sup>12</sup> *Idem*.

Por fim, temos duas sequências discursivas retiradas de diferentes *sites* que tratam sobre cirurgias plásticas. Em ambos os trechos apresentados, o procedimento em pauta é a himenoplastia, referindo-se a possíveis fatores que levam mulheres a optar pela reconstrução do hímen – além dos selecionados em nosso recorte, ressaltamos a existência de outros motivos, os quais demandariam estudos posteriores.

SD 5. Para outras, trata-se de um procedimento para «apimentar» a sua vida sexual, nomeadamente em segundas núpcias, novos casamentos, comemorações de aniversários de casamentos ou «fetiches» que impliquem um maior grau de intimidade<sup>13</sup>.

SD 6. [...] algumas mulheres optam por oferecer simbolicamente sua virgindade ao novo parceiro, razão pela qual são submetidas à cirurgia<sup>14</sup>.

Na Sequência Discursiva 5, é utilizada novamente a expressão “fetiche” para designar a experiência sexual advinda da recriação do hímen, por meio da himenoplastia – como ocorre anteriormente na SD 3; e na Figura 1, no caso do hímen artificial. Aqui, a prática é tida como um fetiche que implica “um maior grau de intimidade” entre os participantes. Importante notar que mesmo a virgindade recriada por meio de um procedimento cirúrgico parece ser vinculada necessariamente a contextos que remetem à noção de um envolvimento amoroso ou de relacionamentos reconhecidos perante a sociedade; fala-se em intimidade, segundas núpcias, situações que envolvem matrimônio. Essa determinação pode ser desnaturalizada ao tentarmos pensar outros dizeres possíveis, “[...] desfazendo assim a ilusão de que aquilo que foi dito só poderia sê-lo daquela maneira” (ORLANDI, 2020, p. 76). Vejamos uma outra possível formulação, que aqui não consta: “Para outras, trata-se de um procedimento para apimentar a sua vida sexual, nomeadamente em encontros casuais, visitas a casas de *swing* e festas liberais, ou fetiches que envolvam a prática de *roleplay* – interpretação de papéis, encenação sexual”. Como nos diz Pêcheux (2014), identificações a diferentes formações discursivas resultam em diferentes fragmentações do interdiscurso como referência e em diferentes traços de determinação que vêm a se reinscrevem no discurso do sujeito. Assim, constatamos que a SD 4 se filia à memória discursiva da virgindade feminina como algo de acesso restrito – senão ao matrimônio, ao menos a um envolvimento mais consolidado –; não à toa os exemplos nela materializados envolvem majoritariamente o casamento. O sentido de virgindade feminina, nesse caso, se constitui em sua relação à formação discursiva que intitulamos conservadora, sendo o de um atributo da mulher a ser resguardado a relacionamentos reconhecidos socialmente, tal como o casamento – ou ainda, a união estável e outras formas de envolvimento “sérios”.

A Sequência Discursiva 6 traz a afirmação de que o procedimento é procurado por algumas mulheres com o objetivo de “oferecer simbolicamente sua virgindade ao novo parceiro, razão pela qual são submetidas à cirurgia”. Trazendo novamente à baila o esquecimento número 2, é significativo o fato de que o que aparece materializado no discurso é que a mulher é submetida à cirurgia – sem que fique claro exatamente quem ou o que a submete – ao invés de formulações outras, como “a mulher se submete à cirurgia”, ou ainda, “a mulher decide pela cirurgia”. Além disso, o procedimento é realizado para que a mulher possa oferecer sua virgindade a seu novo parceiro. Assim como no caso da virgindade como presente – vista na SD 1 –, na SD 6 (re)produz-se o sentido da virgindade da mulher como algo endereçado a um outro, algo a ser entregue, entrega que justifica a reconstrução do hímen. Podemos então delinear como dominante o funcionamento de uma formação discursiva conservadora, compromissada política e ideologicamente com a memória do direito do homem de ser aquele a receber a virgindade de sua parceira e, tratando-se aqui da cirurgia de himenoplastia, de romper o hímen dessa mulher – ainda que um hímen reconstruído. Por fim, assinalamos que se materializa, pela via do discurso, uma correspondência

<sup>13</sup> Fonte: <https://www.lmrcirurgiaplastica.pt/blog/mulher/intimo/himenoplastia>. Acesso em: 20 ago. 2021.

<sup>14</sup> Fonte: <https://www.cirurgia.net/himenoplastia>. Acesso em: 20 ago. 2021.

entre a reconstrução do hímen e a virgindade; assim, agora dispondo novamente de um hímen intacto, a mulher estaria apta a “oferecer simbolicamente sua virgindade ao novo parceiro”. Isto posto, partimos ao fechamento do texto, seção referente à discussão dos resultados de análise em relação à proposta do escrito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto procuramos interrogar os sentidos sobre virgindade feminina na contemporaneidade brasileira, através de uma filiação à teoria da Análise de Discurso pecheutiana. Para isso, mobilizamos os conceitos de sujeito discursivo, interdiscurso e intradiscurso. O trabalho de análise do *corpus* discursivo elegido visou a fornecer respostas a algumas questões de pesquisa, cujos resultados podemos agora discutir. A primeira questão dizia respeito a compreender sobre quais bases se sustenta, pela via do discurso, esse movimento de simular uma nova perda da virgindade. Com vimos, na Figura 1 e nas sequências discursivas SD 1 e SD 6, a nova perda da virgindade – proporcionada pelo uso do hímen artificial “Virginity” ou pela realização da himenoplastia – se sustenta na justificativa de conceder a nova virgindade ao atual parceiro. Já na Figura 2 e na Sequência Discursiva 5, chama atenção a associação do produto erótico e do procedimento cirúrgico como formas de sair da rotina; na Figura 2, fala-se em inovar, e na SD 5, em apimentar a vida sexual. A Sequência Discursiva 4, por sua vez, relaciona a recriação da virgindade – por meio do hímen artificial – à má escolha do primeiro parceiro, um erro a ser reparado; também recebe destaque a possibilidade de optar por “ficar” virgem quando se desejar, semelhante com o que consta na Figura 2, que exalta a chance de experimentar a primeira vez por diversas vezes. Por fim, tanto na SD 2 quanto na SD 3, a recriação da virgindade é validada, no discurso, pelo amor – cuja presença ou ausência aparece como responsável pelas impressões sobre a “perda” da virgindade.

Era também de nosso interesse identificar no *corpus* quais as permanências e os deslocamentos dos sentidos sobre a virgindade feminina. Quanto à permanência, podemos citar a noção de que a virgindade da mulher se dirige ao outro – o parceiro –, para quem ela é entregue; isso consta especialmente nas análises da Figura 1, da Sequência Discursiva 1 e da Sequência Discursiva 6. Ainda, permanece a visão da virgindade feminina como adequada à noiva que virá a subir no altar, como visto na Sequência Discursiva 1; ou, ao menos a concepção de que essa virgindade deve ser resguardada a relacionamentos sérios e estáveis, conforme análise da SD 5. Outro aspecto que é da ordem do estabilizado é considerar a virgindade como algo que se perde, como ocorre na Sequência Discursiva 2. Por outro lado, ao pensarmos os deslocamentos presentes no *corpus*, destacamos o que se materializa na Figura 2 e na SD 4 em relação à possibilidade de recriar a virgindade e voltar a ser virgem quando e quantas vezes se desejar, deslize que se afasta da cristalização da perda da virgindade como definitiva.

A terceira questão posta para a pesquisa pretendia tornar possível compreender como se relacionam, nos recortes do *corpus*, o estado do hímen e a virgindade feminina. Embora perpassasse o *corpus* como um todo, essa relação foi observada nas análises da Figura 1 e das sequências discursivas SD 1, SD 4 e SD 6; assim, pudemos constatar que, nos trechos citados, materializa-se enquanto evidência a equivalência entre a presença do hímen – ainda que um hímen artificial, ou um hímen reconstruído através da himenoplastia – e a virgindade feminina. Ter hímen funciona, nos recortes, como o mesmo que ser uma mulher virgem, e a virgindade feminina é mesmo limitada ao estado “intacto” – não rompido – do hímen. Dessa forma, reconstruir o hímen ou utilizar o hímen artificial são discursivizados como sinônimos de (voltar a) ser virgem.

Por fim, era nosso objetivo pensar os sentidos de virgindade feminina na contemporaneidade brasileira. Ao longo das análises realizadas, pudemos chegar a algumas considerações acerca dessa questão. Um dos sentidos predominantemente presente no *corpus* é o da virgindade da mulher como algo a ser entregue, entrega esta endereçada a um outro, o parceiro

sexual. Na Figura 1, oferta-se a possibilidade de proporcionar a nova primeira vez ao parceiro, que aqui é delimitado pelo termo “amado(a)”, fazendo surgirem reflexões sobre quem seria o outro elegível para essa experiência. Na SD 1, por sua vez, essa entrega aparece materializada sob a forma de um presente ao marido. Na Sequência Discursiva 4, relaciona-se idealmente essa concessão ao mérito daquele que receberia a virgindade. Já na SD 6, a entrega funciona inclusive como razão da reconstrução do hímen, a fim de possibilitar a oferta da – assim considerada – nova virgindade ao companheiro atual.

Outro sentido que consta ao se falar a virgindade feminina no *corpus* em questão é o de que se relacionar sexualmente pela primeira vez, para a mulher, seria uma perda, como foi visto na SD 2, na qual diz-se que tal perda pode ser considerada maravilhosa quando associada ao amor pelo outro; a importância do sentimento amoroso diante da virgindade feminina é também discursivizada na Sequência Discursiva 3. Já na SD 5, está em jogo o sentido de virgindade como um bem da mulher a ser preservado para relacionamentos socialmente vistos como sérios e estáveis; sentido semelhante é observado na Sequência Discursiva 1, que retoma a memória da noiva que chega ao altar virgem. Também na SD 5, bem como na Figura 1, fala-se ainda da virgindade feminina enquanto fetiche, sentido sobre o qual novos estudos podem ser proveitosos. Ademais, embora possam ser constatados em todo o *corpus* – uma vez que estamos falando de uma assim dita recriação da virgindade –, deslocamentos de sentidos rangem mais robustamente na Figura 2, ao passo em que retoma o sentido da virgindade feminina como algo relevante, enquanto opera um desvio ao ressaltar a possibilidade de voltar a ser virgem quantas vezes se desejar.

Por fim, como mostramos em todo o texto, em diferentes domínios de dizeres (anúncio, entrevista, reportagens, sites médicos) sentidos sobre a virgindade são formulados e postos em circulação em um movimento interdiscursivo que diz sobre o que podem ou não os corpos das mulheres para satisfazerem ao (desejo do) outro.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 333-356, maio/ago. 2007. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000200004>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v.1 e 2.

BRÊTAS, José Roberto da Silva; OHARA, Conceição Vieira da Silva; JARDIM, Dulcilene Pereira; AGUIAR JUNIOR, Wagner de; OLIVEIRA, José Rodrigo de. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 7, p. 3221-3228, jul. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/frXq7n3jXMmhzSmJqRWPwnL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

COURTINE, Jean-Jacques. “Définition d’Orientations Théoriques et Méthodologiques en Analyse de Discours”, in **Philosophies**, vol. IX, n. 2, Paris, 1984.

COURTINE, Jean-Jacques. O conceito de formação discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser. **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. 2 ed. São Paulo: Pedro e João Editores, 2011.

FETICHE. *In: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. [S. l.]: Editora Melhoramentos, c2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/FETICHE/>. Acesso em: 10 out. 2021.

GARCIA, Dantielli Assumpção. A mulher no idioma: efeitos de silenciamento e resistência. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 40, p. 69-87, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://revistalinguas.com/edicao40/artigo3.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

KNIBIEHLER, YVONNE. **A história da virgindade**. São Paulo: Contexto, 2016.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O caráter singular da língua na análise do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 189-200, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30023>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PÊCHEUX, Michel (1971). Língua, “Linguagens”, Discurso. *In: PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). Análise de Discurso: Michel Pêcheux – Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi*. 4 ed. Campinas: Pontes, 2015a. p. 121-129.

PÊCHEUX, Michel (1983). **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 7 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b.

PÊCHEUX, Michel (1975). **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do "dispositivo experimental" da análise de discurso. *In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. Análise de Discurso em Perspectiva*: teoria, método e análise. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

RAVEENTHIRAN, Venkatachalam. Surgery of the hymen: from myth to modernisation. **The Indian journal of surgery**, v. 71, n. 4, p. 224-226, jul. 2009. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3452621/>. Acesso em: 12 maio 2022.

VELASQUEZ, Nelson; BRINEZ, Noramaikas; DELGADO, Roxana. Himen. **Revista de Obstetricia y Ginecología de Venezuela**, Caracas, v. 72, n. 1, p. 58-68, mar. 2012. Disponível em: [http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0048-77322012000100009&lng=es&nrm=iso](http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0048-77322012000100009&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 12 maio 2022.

Submetido em 07/12/2021

Aceito em 01/05/2022